

Luís Quintais

ARRANCAR PENAS
A UM CANTO DE CISNE

POESIA 2015-1995

ASSÍRIO & ALVIM

LUÍS QUINTAIS nasceu em 1968 em Angola. Viveu em Lisboa até aos 27 anos. Vive e trabalha em Coimbra. Professor, antropólogo, ensaísta e poeta. Foi distinguido com os prémios Aula de Poesia de Barcelona, PEN Clube Português, Fundação Luís Miguel Nava e Prémio Literário da Fundação Inês de Castro.

THAT DAMN SORROW
(com Elliott Smith por fundo)

Compunha passeando à noite sob o efeito da lua nova.
Sabia que havia um elemento de vulgaridade nisso, mas é possível
fazer coisas invulgares a partir das mais vulgares ou das mais ditas,
feitas, refeitas.
Há lixo nas ruas (há sempre lixo nas ruas, e que transparência tem o
lixo nas ruas).
Figuras nocturnas descrevem perigosos percursos em Brooklyn,
aguardam pelo acidente que os transportará até onde as almas
serão outra coisa, uma vaga imprecisão de linguagem.

Amanhã recordar-nos-emos de como partimos para esse país,
e deixámos relato, a lírica e a ameaça transpostas para um guarda-
napo de papel,
como se o nó da garganta não se tivesse soltado e simplesmente
balbuciássemos.
Queríamos o incêndio, o estéril solo depois da cidade arrasada,
tomada de assalto pela beleza de um só rosto de encontro ao vidro
de um autocarro, de um só rosto anónimo, that damn sorrow.
Alguém que nos tomasse a pele e a cingisse, frágil homicida.
Alguém que nos levasse os ossos para roer, longe.

O INVIOLÁVEL EM NÓS

A rua está repleta de desgosto ou escura virtude.
Passam e dizem coisas, palavras ditas, ilegíveis agora
no enlace do verso, estrada dobrada em direcção a um lugar
onde certamente nunca estivemos, nunca estaremos.

Eu persigo-te, celebro-te, entorneço-me com a ausência
que se abeira levemente de ti.
Uma lâmina romba traça o inviolável em nós.

LINHA

Acercar-me-ei de ti como quem se acerca da violência,
mas por fora, pois só há conhecimento na distância,
e não sob a tóxica pele que envolve os símbolos.
Tu estarás por dentro, como a inumana figura recortando-se
a contraluz junto à linha que separa céu e terra.

UMA MENSAGEM IMPERIAL

O imperador — ao que se diz —, foi a ti, ao súbdito solitário e lastimável, à sombra ínfima que perante o sol imperial se refugiou na mais remota distância, foi precisamente a ti que, do seu leito de morte, ele, o imperador, enviou uma mensagem. Mandou o mensageiro ajoelhar-se ao pé da cama e sussurrou-lhe a mensagem ao ouvido; tão importante lhe era, que mandou repeti-la ao seu próprio ouvido. Assentindo com a cabeça, confirmou a exactidão das palavras. E, diante de todos quantos assistiam à sua morte — haviam derrubado todas as paredes que constituíam estorvo, e na escadaria lançada em anfiteatro amplo e elevado, dispostos em círculo, estavam os grandes do império —, diante de todos, despachou o mensageiro. Este pôs-se logo em marcha, homem vigoroso, incansável; estendendo ora um braço, ora outro, abre passagem por entre a multidão; quando encontra um obstáculo, aponta no peito a insígnia do sol; avança facilmente, como ninguém. Mas a multidão é enorme; os quartos não têm fim. Estivesse o terreno livre, como voaria, breve ouvirias na porta o golpe magnífico do seu punho. Mas, em lugar disso, como são inúteis os seus esforços; continua ainda a forcejar por entre as salas do palácio interior; jamais conseguirá passar além delas, e se conseguisse, nada estaria feito, teria de bater-se para descer as escadas; e, se as vencesse, nada estaria feito; teria de percorrer os pátios; e depois dos pátios, o segundo palácio circundante; e novas escadas e pátios; e mais outro palácio; e assim por milénios; e quando finalmente escapasse pelo último portão — mas isso nunca, nunca poderia acontecer — teria

apenas chegado à capital, o centro do mundo, atulhada até cima com toda a sua ganga. Ninguém consegue passar por aí, muito menos com a mensagem de um morto. Mas, sentado à janela, tu imagina-la, enquanto a noite cai.

FRANZ KAFKA

O que me interessa está sempre a jusante, no delta do rio, não na nascente. As palavras que se reúnem sob os sortilégios desse jogo de linguagem que é a poesia servem uma ideia de ordem, disse. São a régua e o esquadro da experiência que não pode ser metrificada, que não é mensurável. Talvez seja este o sentido flutuante da poesia.

LUÍS QUINTAIS

Esta é a experiência radical da poesia de Luís Quintais — a invenção de uma linguagem e de um uso para a linguagem, invenção de uma linguagem que inventa um mundo, invenção da leitura: como ler? Como jogar o jogo de ler o texto, se ele inventa as regras da sua leitura e as escreve numa linguagem que ainda não deciframos?

Eis então o eco que chega, um possível mapa, entre tantos outros, para *Arrancar Penas a um Canto de Cisne*: jusante, jogo, régua, experiência, poesia.

1. Jusante

Estamos, diz o texto que abre este livro, a jusante: lugar paradoxal, se não há origem, fonte, jardim genesíaco de um sentido fundador e recuperável. Estamos num eterno jusante que é a condição da nossa desordem: eis as coisas aí, dispersas, herdadas, despejadas